ANO 13.º | Sabado, 12 de Fevereiro de 1921 | Numero 661

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
«Tipografia Social», de Procopio d'Oliveira—ILHAVO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54—AVEIRO

Palavras... incompletas

As festas comemorativas da jornada de 31 de Janeiro, ha pouco realisadas, originaram um convite a João Chagas, um dos integrados nesse movimento e atualmente nosso representante em França.

Esse convite, que provocou do ilustre escritor uma carta justificativa da impossibilidade da sua comparencia, deu logar a afirmações de tão absoluta verdade que nos cabe o dever de aqui as repsoduzir, não só por dizerem respeito a quanto se passou nessa data, sob todos os titulos alevantada e patriotica, como ainda por ser uma confirmação do que temos sustentado em confrontos palpitantes entre a lembrança do que pensámos e quizemos e a vergonha do que fazemos e somos.

Assim, escreve com toda a propriedade o revolucionario de 1891:

. . . .

A Revolução de 31 Janeiro foi um movimento de patriotas. A Republica foi o lábaro do seu patriotismo. O que pretendiam eles? Desagravar a nação. A Republica foi esse desagravo. Viva a Republica! gritaram então, mas nunca grito de guerra resumiu com mais espontaneo ardor aspirações mais puras. Aqui não se tinha em vista servir tal ou tal ambicioso, tal ou tal ambição. Os homens que empreenderam a Revolução de 31 de Janeiro não sabiam, ao descer á praça publica, qual seria no dia seguinte o Governo. A propria lista da Junta Provisoria foi improvisada a uma janela da Camara. Neste desinteresse, nesta imprevidencia, nesta imprudencia, mesmo, reside a nobresa desse movimento, ao qual, para tudo faltar que pudesse de qualquer modo imprimir-lhe o caracter de uma aventura politica, até faltou um chefe. Por isso os revolucionorios do Porto foram qualificados de loucos.

A seguir, apontando as causas por que atualmente enferma o regimen, escreve:

O erro fundamental dos homens da Republica foi o de não compreenderem que ela suscitára um conflicto irreparavel, não entre dois principios, entre os quaes sempre póde haver composição, mas entre duas sociedades de educação e de mentalidade diferentes estructaralmente incompativeis. Tudo quanto fosse querer amalgamal-as e fazêl-as proseguir um objectivo comum era erro crasso, dordem politica e dordem psicologica. Era o que se chama não conhecer os homens. Esse erro, no entanto, se praticou e ainda é ele que divide a Republica.

. . . .

A Republica entrou na scena politica sem decisão. Teria sido preciso instala-la desde logo como uma soberania legitima que toma posse do que é seu. Dessa soberaria os republicanos não tiveram evidentemente a plena consciencia e, assim o que vimos? Vimos que a maior preocupação da Republica, ao ocupar o poder, foi a de nao deslocar interesses. Como se isso fosse possivel.

. . . .

Mas se o regimen republicano entrou na scena politica sem aquele aprumo e aquela firmeza de passo que são proprios das soberanias legitimas, fundou ele ao menos o exercicio da sua acção numa forte autoridade?

Nem isso. A Republica tem sido em Portugal o poder que não se teme.

Sem leis e sem sancções e não ousando aplica-las, sem forças seguras que a sirvam e não sabendo organisa-las, sempre recciosa de cair no arbitrio e caindo sempre na desordem, não sabendo nunca onde começa e onde acaba o seu direito, desarmada, impotente, á mercê de todas as aventuras e de todos os aventureiros, dando a uns o espectaculo de um poder sem energia e a outros o espectaculo de um sistema sem estabilidade, ocupando ha dez anos a atenção publica com a crónica das suas rixas e não lhe anunciando nunca que as soube reprimir de vez e que entrou de vez no caminho da ordem, saindo sempre triunfante das lutas generosas que os seus amigos empreendem para a salvar e não ousando nunca tirar do seu triunfo as conclusões necessarias á Republica, tem-se assim traduzido, ela que se apoia na maior, na mais robusta, na mais bela força de opinião que ainda secundou um sistema politico, pela mais deploravel das nossas fraquêsas.

Grandes verdades, as que se encerram nas linhas transcritas, francamente o confessâmos.

Mas faltou a João Chagas a citação duma das mais preponderantes razões justificativas das causas apontadas: a ambição desmedida de quantos se julgaram aptos a dirigir e fundar partidos politicos, aceitando e alistando nos seus grupos o banditismo monarquico que, desvergonhado e velhacamente, se oferecia, arvorado em chefe, para melhor entravar a marcha fecunda do regimen, que tudo aceita.

E' por isso que *a Republica tem sido, em Portugal, o poder que não se teme!*

E como se poderia temer se todos os seus mais encarniçados inimigos teem a dentro dela, a dentro das suas leis, da sua acção e do seu poder, amigos que os defendem, que os protegem e os auxiliam?

Hoje são quasi na sua totalidade monarquicos, disfarçados em republicanos, aqueles que, com todos os seus vicios, os seus crimes e os seus defeitos, servem o regimen, desacreditando-o sobre todos os pontos de vista.

Quando o autor da carta aludida foi presidente do govêrno, teria visto e reconhecido, por certo, as mesmas causas que eram a razão dos mesmos efeitos.

E que fez?

Vitima dum atentado, logo abandonou o Poder e, de Paris, faz o diagnostico da doença, mas não acode ao enfermo nem vem trazer-lhe o remedio.

Infelicidade das infelicidades!

Viagens aereas

Comunicam de Londres que á Companhia Napier construiu um motor de aviação de 1.000 cavalos de força num raio de acção de 1.500, podendo transportar 30 passageiros.

Com um tal aparelho poder-se-á manter, dizem, um serviço regular transatlantico, com escala pelos Açores, não devendo as viagens entre a Inglaterra e Nova Iork ir alêm de 24 horas de percurso.

Simplesmente maravilhoso.

AVISO

Emquanto estiver fechada a oficina de «O Democrata» deverão todos os assuntos que digam respeito a este jornal ser tratados na FARMACIA RIBEIRO ou então na rua Miguel Bombarda, n.º 21 (antiga R. de Jesus).

Films...

Jubilo monarquico

Entre as hostes manuelistas parece existir um certo contentamento por haver chegado a noticia de que a sr.ª D. Augusta Vitoria se acha no seu estado interessante.

A ser verdade, vai ter, pois, o ex-rei de Portugal um herdeiro. Coisa naturalissima; de certa importancia para os felizes esposos, consideremo-los assim, mas que nada deve influir na nossa engrenagem politica se atendermos á nenhuma viabilidade que a monarquia tem de voltar a estabelecer-se em terreno que já lhe não pertence.

Se na hora propria de a conservar, todos fugiram ás sete partidas!...

Fala o Papa

Os jornais inserem este telegrama:

ROMA, 29.—Na sua última encíclica, Benedito XV condena a sêde insaciável de prazeres, causa de perpétuas contendas entre proletários e ricos e da pouca compostura das modernas modas e dos modernos modos das damas.—(E).

Outra vez a implicar com as modas! Ou é mania ou então Sua Santidade não quer que se siga á risca a doutrina de Cristo no capitulo—Crescei e multiplicae-vos.

Sim. Porque para nós temos que é exatamente da pouca compostura das modernas modas e dos modernos modos das damas *que nasce muita coisa...*

Imprensa

«O Desforço»

Mais um ano de luta pelos saos principios republicanos completou este nosso presado confrade de Fafe, dirigido desde a morte do seu fundador, João Crisostomo, por Artur Pinto Basto, a quem se deve uma grande parte da sementeira espalhada na região onde *O Desforço* vê a luz da publicidade.

28 anos de vida amargurada é o titulo do artigo em que comemora a passagem de mais este aniversario e nele se dizem verdades tão flagrantes que não temos duvida em perfilhar, protestando contra as injustiças sobretudo daqueles para quem *O Desforço* ha sido alguma coisa dentro das instituições que dizem servir com dedicação e patriotismo.

Elas, porêm, estão na ordem do dia, cumprindo-nos aguardar o futuro de animo sereno como é proprio da nossa altivez e do nosso desinteresse.

A Artur Pinto Basto um apertado abraço de intima solidariedade.

«O Defensor»

Iniciou a sua publicação em Castelo de Paiva um semanario republicano assim intitulado, que tem por director o sr. João Salêma.

Longa vida e prosperidades.

13 DE FEVEREIRO

Passa ámanhã o aniversario de dois acontecimentos sensacionaes. O primeiro baseia-se na promulgação da lei contra os anarquistas pelo ditador monarquico João Franco. O segundo recorda-nos a reimplantação da Republica no Porto, que, por sinal, vai ser festejado pelo grupo de defêsa *Nau Catrineta*.

E' caso para pedirmos á Senhora dos Navegantes que olhe pela tripulação, conduzindo-a a bom caminho...

Companhia Nacional de Viação e Electricidade

Aguarda-se a chegada a esta cidade de um dos seus directores que vem em propaganda da empreza

O PROBLEMA DAS QUÉDAS DE AGUA

Quando nos ultimos dias de Julho do anno passado os jornaes noticiaram uma excursão de estudo dos alunos das quatro primeiras classes do Instituto Superior de Letras, sob a direcção do sabio ilustre que é o snr. Dr. Silva Teles, a Sernache do Bomjardim, ao alto da Madalena, ás obras da ponte de Bouçã e aos importantes trabalhos da Companhia Nacional de Viação e Electricidade, no ponto do rio Zezere denominado Cabril, viva curiosidade nos despertou o plano em que vagamente se falava aqui como sendo o programa de realisações imediatas da referida empreza. Assistimos desde então, ao progressivo caminhar da Companhia Nacional, lento mas seguro, precisamente porque á sua frente se encontram homens de negocio ponderados, experientes e cautelosos e não sonhadôres de coisas grandes mas vãs ou precipitados agentes duma actividade negativa.

Tem a Companhia Nacional um contracto firmado com o Municipio de Coimbra para fornecer para todo aquele concelho, dentro dum ano, e em condições para o tesouro municipal muito vantajosas, a energia hidro-electrica necessaria a ter o seu consumo publico e industrial; e da discussão do Senado da Camara Municipal de Lisbôa deve sair, ainda na actual sessão legislativa, uma proposta identica daquela Companhia do primeiro municipio portuguez, para o fornecimento e energia electrica a Lisbôa para a sua iluminação e para as suas industrias, abundante e barata, dentro do praso de trinta meses.

Mas não é apenas com este municipio que a Companhia Nacional se encontra relacionada, tendo já firmado contracto ou obtido diversas licenças especiais de mais estas Camaras: Abrantes, Almada, Almeirim, Alpiarça, Azambuja, Barquinha, Cadaval, Alcobaça, Aldeia Galega, Alemquer, Ancião, Arganil, Arruda dos Vinhos, Batalha, Belmonte, Benavente, Caldas da Rainha, Cartaxo, Castanheira de Pera, Castelo Branco, Chamusca, Coimbra, Constancia, Coruche, Ferreira do Zezere, Figueiró dos Vinhos, Fundão, Guarda, Idanha-a-Nova, Leiria, Loures, Lourinhã, Mação, Mafra, Miranda do Côrvo, Moita, Montemór-o-Velho, Nazaré, Obidos, Pedrogam Grande, Penela, Peniche, Poiares, Pombal, Porto de Moz, Rio Maior, Setubal, Salvaterra de Magos, Sardoal, Sobral de Monte Agraço, Soure, Torres Vedras, Vila Franca de Xira e Vila do Rei.

Anuncia-nos a proxima visita a esta cidade do snr. Almeida Araujo, um dos directores da Companhia Nacional de Viação e Electricidade. Se a sua viagem, como supômos, é de negocio, que ela lhe resulte feliz e prometedora para a empreza que representa, quanto ao interesse que ela possa despertar nesta região.

O snr. Almeida Araujo vem, ao que nos consta, das obras do Cabril que vão já muito adeantadas.

O PESCADOR ANÇÃ NA MISERIA

Ingrata patria que tais filhos tem...

Da ingratidão das patrias e dos homens para com aqueles que conseguiram notabilizar-se por qualquer forma, destacando uma personalidade de entre a turba anonima e incolôr; das consequencias tristes que materialmente oferece a isenção e o desinteresse postos ao dispor do bem comum e do interesse colectivo, muito se tem dito e escrito, considerando-se hoje ponto assente que nem sempre as nacionalidades sabem recompensar os serviços prestados em seu beneficio. Individuos ha que arrastando uma existencia de devoção, passando uma vida inteira de dedicação, no exemplo civico admiravel de sacrificados em nome dos mais altos interesses de todos, acabam por morrer levando a certeza de uma ingratidão geral e aviltante.

Notas mundanas

Acaba de consorciar-se no Porto com a sr.ª D. Adelaide dos Santos Figueira, dilecta filha, do capitalista, sr. Joaquim Vieira dos Santos, o nosso amigo sr. dr. Artur Marques Figueira, oficial superior da secretaria da Relação da mesma cidade.

Cumprimentando os noivos, só lhes apetecemos uma vida perene de felicidades como são dignos.

=== Tambem se realisou o casamento da sr.ª D. Helena Carvalho, interessante filha do sr. Atanazio de Carvalho, de Requeixo, onde, pelas suas virtudes, inteligencia e outros otrativos, era justamente considerada e respeitada.

=== Conta vir este ano á sua terra natal, Ilhavo, o 2.º oficial dos Correios e Telegrafos em Angóche, provincia de Moçambique, sr. Manuel Mano.

=== Em Lisboa teve logar o enlace da sr.ª D. Maria Luiza Soares, irmã do sr, dr. Francisco Soares, clinico nesta cidade, com o seu colega de Ovar, sr. dr. Gonçalo Vieira.

=== Fizeram ontem anos os srs. dr. Joaquim de Melo Freitas e Francisco Manuel Simões.

E' de todos os tempos, de todas as idades; é de todos os estados e de todos os povos. E' lição de historia verificada através de tudo, e com o seu cumprimento devem contar os raros que ainda agora, abstraindo do mercantilismo e da especulação na hora que passa, teem a elevação espiritual necessaria para, erguendo as suas almas, se devotarem decididamente pelo bem geral e pela segurança publica. Votados ao ostracismo, ou mergulhados na obscuridade do esquecimento, arrastados pelas ruas da amargura ou vaiados pelas multidões irrequietas, o homem ilustre por qualquer titulo é sempre a vitima da inconsciencia das turbas. Intelectuais ou simples benemeritos, teem-se visto entregues á miseria vergonhosa, suportando neces sidades, simplesmente porque, desprezando benésses e honrarias de momento, se dedicaram a servir os seus semelhantes. De Dante a Camões e de Aristides a Pombal, os exemplos estranhos e os exemplos proprios multiplicam-se, acumulam-se incessantemente na documentação estranha de um desprezo geral por aquela nobreza de sentimentos e elevação de ideias que é caracteristico dos temperamentos e das personalidades marcantes.

Um telegrama de Aveiro diz que se encontra na miseria o pescador Gabriel Ançã. Não é um poeta, não é um guerreiro, não é um filosofo, não é um pensador. E' um lobo de mar, contando os seus anos de vida pelos momentos de luta incessante travados contra o Oceano rebelde, um simples, um modestissimo pescador. O seu trabalho, a sua muita preocupação foi a de arrancar vidas á revolta dos elementos, a de salvar existencias como preciosidades, devotando-se inteiramente á tarefa exaustiva de evitar catastrofes, de impedir desastres pessoais. E chegou aos oitenta anos, esse velho sublime no seu espirito de sacrificio, encontrando-se na miseria, na miseria absoluta. Raros amigos veem comunicar ao grande publico a noticia, reclamando imperativamente em nome da propria dignidade da Patria e do decôro nacional um movimento geral que demonstre que nem tudo se subverteu ainda nesta tremenda crise moral em que nos debatemos. Apela-se para a consciencia de todos os portuguêses, investiga-se da sensibilidade dos homens desta terra. A historia tragica maritima reviveu na pessoa do pescador inculto toda a epopeia formidavel de uma raça de herois e de marinheiros. O patrão Lopes, que a musa romantica de Tomás Ribeiro gravou em meia duzia de alexandrinos amorosos e vibrantes, e o Gabriel Ançã são as derradeiras figuras de uma dinastia formidavel de gigantes que nasceu no promontorio de Sagres. O velho maritimo tem a esta hora o peito constelado de medalhas e o estomago vazio, não sofrendo ainda as inclemencias da fome porque a dedicação de raros amigos a isso tem obstado.

Resta ver se o apêlo será escutado, neste tocar a rebate que servirá de pedra de toque para aquilatar da consciencia colectiva das gentes de Portugal.

Estas palavras publicou-as *A Manhã*, no dia 21 de dezembro de 1920 e vieram em reforço ao telegrama do dr. Alberto Souto, pedindo a protecção dos poderes publicos para o velho arraes, que tanto direito tem á consideração do govêrno pelos serviços prestados á humanidade durante a sua prolongada vida de marinheiro audaz e destemido.

Depois disso alguma coisa apareceu mais na imprensa, que visava o mesmo fim, e compromissos foram tomados publicamente por quem estava nos casos de, sobre o assunto, se pronunciar, concluindo nós que era questão arrumada, esta, de arrancar por uma vez o arraes Ançã á miseria em que tem vivido. Como, porêm, de pratico pouco ou nada se tenha realisado no sentido de minorar a sorte do infeliz, que continua aos baldões do acaso, eis-nos de novo em campo a lembrar o que não seria preciso se nas instancias superiores se olhasse melhor para os que, por todos os motivos, devem ser considerados benemeritos da Patria.

Em legitima defêsa

—(*)—

Como previamos, lá apareceu no ultimo numero do *Camaleão* a primeira parte da prosa do sr. Vitorino Godinho contra o correligionario Leote do Rego, que o acusou de comer de mais á mêsa do orçamento, prometendo a mesma folha do Côjo proseguir até completo esgotamento da *interessante brochura*, impressa na casa Berger-Levrault, de Paris, onde o seu autor reside por conta do Estado, como acontece a outros parentes do sr. Barbosa de Magalhães.

Não nos enganámos, portanto. Só a não disposeram em forma de folhetim, para ser lido aos serões, emparelhando-a desse modo com o celebre folheto um dia lançado por um anonimo qualquer com o pomposo titulo—*De luva branca.*

O mais, bate certo, não sendo para admirar que o sr. ministro da guerra esteja estudando o caso dos adidos militares, cujos vencimentos terão de ser reduzidos para dar satisfação ás reclamações da opinião publica, segundo informa o *Primeiro de Janeiro.*

Mas que extraordinaria coisa, sr. Leote— vir desassocegar uma familia inteira!...

O CARNAVAL

Como nos anos anteriores, decorreu sem animação nem graça, vendo-se, no entanto, as ruas da cidade pejadas de gente, nos ultimos tres dias, á espera—do que nunca apareceu.

E assim foi o de 1921.

EM PERIGO

Por ter batido numa restinga quando manobrava para entrar a nossa barra, esteve prestes a perder-se no fim da semana preterita o lugre *Apolo*, pertencente á *Companhia Aveirense de Navegação e Pesca.*

Tendo desencalhado na maré alta, veio ancorar defronte da Gafanha sem que tivesse sofrido prejuizos de maior.

CINZA

Por um dia esplendido, banhado de sol, saíu na quarta-feira a tradicional procissão de Cinza, que percorreu as principaes ruas por entre alas compactas de povo.

A concorrencia de fóra foi extraordinaria, aproveitando todos os meios de condução.

Queres a vida
mais barata?

Trabalha o maximo.
Consome o minimo.
Prescinde do superfluo.
Condena o luxo.

LUZ ELECTRICA

Activam-se os preparativos para a proxima inauguração da luz electrica em Aveiro, com que anda assaz empenhado o sr. dr. João de Almeida, um dos mais activos gerentes da *Companhia Electro-Oceanica*, recentemente organisada.

Como pertencemos ao reduzido numero dos que aplaudiram, sem descrepancias, a rescisão do contrato com a antiga companhia do gaz, escusado será dizer que o melhoramento nos interessa a valer, anciando pelo dia em que a cidade possa surgir das trevas e egualar-se áquelas que já possuem ha muito esse sistêma moderno de iluminação.

Serviço Farmaceutico

Encontra-se amanhã aberta a Farmacia Reis.

Fenomeno curioso

A imprensa francêsa tem-se preocupado ultimamente bastante com o fenomeno descoberto pelo *boxeur* americano Johny Coulon, o qual, colocando ligeiramente um dos seus indicadores sobre o pescoço e outro sobre o pulso de um mesmo individuo, impede este de o levantar, embora Coulon pese apenas 50 quilos. Varias personalidades desportivas tinham julgado poder explicar o fenomeno pelo deslocamento do centro de gravidade, quer do experimentador, quer do proprio Coulon. Esta hipotese, porêm, deve ser afastada em consequencia de varias experiencias renovadas perante sumidades scientificas, por homens reputados os mais fortes, especialmente Cadine, campeão, e Leon See, ex-campeão de pesos. Segundo a opinião do redactor scientifico do *Matin*, o sr. Nordmann, que assistiu ás experiencias, ficou estabelecido que, tendo o indicador na posição desejada, Coulon impede o levantamento e logo que um momento deixa de exercer a sua vontade è levantado facilmente. Nordmann conclue, declarando que parece demonstrado estar-se em presença de um novo fenomeno fisiologico pertencente á categoria daqueles que não teem exemplo.

Logo trata-se dum misterio, a menos que alguem ainda apareça a expiicar o caso pelas leis comuns.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 10

Os folguedos carnavalescos a pouco se limitaram por aqui, exibindo-se apenas algumas mascaras no domingo e terça-feira, mas sem espirito.

Como divertimento da época, unicamente o baile de costumes marcou, tendo-se este realisado segunda-feira numa das salas da casa do sr. Albino Martins Pereira, que amavelmente a cedeu aos promotores, os nossos amigos Eduardo Leite e Americo Alvim. Dançou-se animadamente e brincou-se até á madrugada do dia seguinte, notando-se entre a assistencia as sr.as D. Eduarda Moreira, D. Soledade Moreira, D. Maria Biaia Marques e irmã Helena, D. Maria de Oliveira, D. Maria Moreira, D. Amelia Alvim, D. Fausta Alvim, D. Barbara Moreira, D. Cacilda Dias, D. Maria Biaia, D. Lucilia Cascaes e os srs. dr. Abilio Marques, alfereres Antonio Campos, João do Vale, alferes Vieira, Manuel Marques, Carlos Vidal, Generoso da Rocha, Acacio Alvim, Albino Rocha, Albino Paralta, Joaquim Birrento, Albino Vieira, Abilio Mesquita, João Alves Ribeiro, José da Silva Pereira, Arnaldo Ribeiro, etc., etc., que saíram o melhor possivel impressionados pela extrema correcção que presidiu á festa carnavalesca, que resumidamente descrevemos e ha de perdurar, sem duvida, no espirito dos que nela tomaram parte como uma das mais entusiasticas no nosso tempo realisadas.

—— Para presenciar a procissão da Cinza, ontem, em Aveiro, atravessou a Costa imenso povo das localidades do Sul, sendo tambem grande o numero de pessoas da nossa terra que se reuniu na mesma cidade.

—— Faleceu no Ramál a octogenaria Maria Reitôra.

—— Principiaram os trabalhos nos campos para a sementeira da batata e do milho.

C.

Alquerubim, 7

Apesar dos jornaes darem a noticia de que alguns artigos de primeira necessidade vão baixar de preço, por aqui esses artigos *sobem!!* Milho a 9$50 e 10$00 cada vinte litros! Os pobres morrem de fome; o açambarcador continua engordando á custa do pobre; o comerciante vende cada vez mais caro, e não se passa disto!! Se o paiz fosse abastecido de pão, não seriam tantas as queixas. O povo queixa-se... ninguem o atende! Efectivamente, estamos na época da fome, não obstante o luxo que por aí se ostenta.

E tudo assim vae, cuidando muitos que tudo corre á maravilha.

C.

Dissolução de sociedade e constituição de nova

Em sete de fevereiro de mil novecentos e vinte e um, nesta cidade de Aveiro e meu cartorio, na Rua Direita, perante mim notário, bacharel André dos Reis, e as testemunhas maiores, idóneas, minhas conhecidas, moradoras nesta cidade, ao diante nomeadas e assinadas, compareceram como primeiro outorgante José Ferreira Balcão, como segundo outorgante António Pereira, e como terceiro outorgante José Pereira Gregório, todos casados, negociantes, moradores no logar das «Quintans» freguezia da Oliveirinha, desta comarca, os próprios, cujas identidades reconheço, do que dou fé. E, perante mim e aludidas testemunhas pelo primeiro e segundo outorgantes foi dito: Que para todos os efeitos dissolvem a sociedade comercial em nome colectivo entre êles celebrada por escritura de oito de agosto de mil novecentos e dezoito, a folhas dóze e seguinte do livro numero duzentos e trinta e quatro do ex-escrivão-notário desta comarca, Marques da Silva, ficando todo o activo e passivo a cargo do segundo outorgante, retirando o primeiro com a sua quota de capital e lucros, ficando sem efeito a citada escritura de oito de agosto. Em seguida pelos segundo e terceiro outorgantes foi dito: Que constituem entre si uma sociedade em nome colectivo, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade, de naturêza comercial girará sob a firma de *Pereira & Pereira*, da qual ambos os socios poderão usar.

2.º

A sua séde é no dito logar das «Quintans» freguezia citada, e o seu depósito no mencionado logar, podendo ter os mais depósitos ou sucursais que êles, socios, entenderem.

3.º

O seu comercio é a compra e venda de lenhas e madeiras, podendo ser explorado qualquer outro se nisso acordarem ambos os socios.

4.º

A sociedade começou a sua existencia em data de hoje e durará por tempo indeterminado.

5.º

O capital social é de dois mil escudos fornecido por ambos os socios em partes iguais, e em dinheiro, achando-se as entradas já efectuadas.

6.º

Os lucros e perdas serão proporcionais ás entradas.

7.º

Anualmente se dará um balanço que será fechado com a data de sete de fevereiro.

8.º

A escrituração fica a cargo do socio José Pereira Gregório e a caixa a cargo do sócio António Pereira.

9.º

Em todo o omisso regulará o codigo comercial.

Aveiro, 7 de fevereiro de 1921.

O notario

André dos Reis

ANUNCIOS

LEILÃO

Realisa-se no proximo dia 25 de março o leilão dos penhores com mais de 3 mezes em atrazo da casa de penhores d'esta cidade, R. dos Tavares.

O leilão realisa-se na R. Eça de Queiroz, 36.

Aveiro, 9 de fevereiro de 1921.

O mutuante

João Mendes da Costa